

Os Demônios de Arendt

Paulo Ghiraldelli Jr.

Em suas lições sobre a filosofia política de Kant, Hanna Arendt disse que o problema daquele filósofo foi estabelecido em uma fórmula simples: em política, a tarefa é a de conseguir uma Constituição para uma "raça de demônios". Quem sabe se essa preocupação de Kant não foi, para a própria Arendt, central em sua atividade como escritora?

Regrar uma "raça de demônios". Isso é possível?

Se você, leitor, é do tipo otimista e vai responder "sim", espere um pouco. Tente colocar algumas regras para a situação que vou expor aqui. É um teste, concorda em participar? Pois bem, suponhamos que você está em um país bem longínquo num passado muito remoto. Nesse país, a população é de demônios. Há alguns demônios que possuem uma cor vermelha, e há outros que possuem uma cor azul. Os de cor vermelha mandam ali naquele local; são tidos como "demônios típicos", e colocam algumas partes do território que ocupam sob umas leis – bem discutíveis – de restrição para as relações entre os de cor azul e os de cor vermelha. Duas dessas leis são bem esquisitas. Uma primeira diz que demoniozinhos azuis e vermelhos não devem freqüentar a mesma escola. Uma segunda diz que não pode haver casamento entre demônios azuis e vermelhos. Bem, supondo que você tem de regrar a vida desses demônios, que você quer vê-los integrados e, enfim, que só pode fazer um ato de cada vez (com um tempo de vários anos entre esses atos), por onde você começaria? Você extinguiria a primeira lei ou a segunda?

E então, decidiu?

Se você optou por extinguir a primeira lei, você votou junto com Sidney Hook. Se você optou por extinguir a segunda, você aderiu a partido de Hanna Arendt.

Essa foi uma situação real. Resumidamente, o caso foi o seguinte. Na segunda metade da década de cinquenta, o Presidente Eisenhower usou das tropas federais para intervir em Little Rock, no Estado de Arkansas, no sentido de fazer valer a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos que proibia qualquer forma de segregacionismo na escola pública. Nessa época, no Estado de Virgínia, um casal – com o significativo sobrenome Loving – foi intimado pelas autoridades locais a deixar o Estado. Eles eram de cores diferentes, e haviam viajado até outro Estado para poderem se casar, e então voltaram para casa, em Virgínia. Uma vez em casa, foram hostilizados pela "legalidade" virginiana. Essa situação só se resolveu legalmente, em favor deles, bem mais tarde, praticamente uma década depois. As regras do Estado de Virgínia foram classificadas como inconstitucionais. Hanna Arendt, em um ensaio solicitado pela revista *Commentary*, cujo tema seria o do segregacionismo nas escolas, talvez mesmo sem saber do episódio do casal Loving, qualificou as leis sulistas de proibição do casamento entre negros e brancos como o real e principal problema que deveria ser enfrentado. Sidney Hook – um filósofo que tentou integrar marxismo e pragmatismo – insistiu no *New Leader* que Arendt estava errada ao tornar mais importante a "igualdade na cama" do que a "igualdade na escola".

Você acha que Hook estava certo? Acha que a integração nas escolas era um passo mais fácil, e que se deveria começar pelo mais fácil? Mas quais eram os argumentos de Arendt?

Hanna Arendt, que várias vezes criticou o modo de vida americano na medida em que acreditava que era excessivamente protetor da criança, nesse episódio, especificamente, argumentou que os adultos estavam agindo de modo medroso, até irresponsável, ao deixarem o conflito social-racial recair sobre as crianças. Ela entendia que os adultos deveriam, antes de tudo, eles próprios lutarem para viabilizar os casamentos que queriam viabilizar. Os adultos, segundo ela, estavam quietos, e jogavam o problema da integração, praticamente, nas mãos das crianças, uma vez que eram elas que iriam passar pelos dissabores de uma integração forçada. Ou seja, para Arendt, a questão do casamento entre pessoas de cores diferentes vinha primeiro do que a integração na escola.

Até que ponto não ecoava no coração de Arendt, ao comentar esse episódio, o relacionamento com o filósofo Martin Heidegger? Sabe-se, enfim, que independentemente de sua filosofia, Heidegger de fato cedeu ao nazismo. Quanto tempo teria ficado na mente da mulher Anna Arendt a imagem do professor inteligente, do filósofo brilhante, que a conquistou um dia? Igualdade na cama, enfim, não era algo que valia a pena? Na cama, não haveria mais confluências no sentido da harmonia do que toda e qualquer divergência ideológica poderia trazer, fora da cama, para a desarmonia?

Se trouxermos a situação para a avaliação atual, é interessante notar que Sidney Hook teria contra ele um dos argumentos centrais do pragmatismo atual. O argumento pragmatista de hoje, favoreceria Arendt. Richard Rorty, que ao lado de Hillary Putnam tem sido o representante internacional da retomada da importância do pragmatismo na cena internacional, tem argumentado que a integração de povos diferentes começa exatamente pelas relações afetivas de indivíduos e casais isolados. Casamentos entre povos diferentes, feitos por amor, são a base para que depois exista elementos que propiciem reuniões familiares que irão erigir os pontos fundamentais de toda integração bem sucedida. Não há nenhum povo, dizem os pragmatistas, que não tenha em sua cultura histórias de amor em que pessoas de grupos diferentes, que em princípio não se aceitam, não tenham vindo a lutar pelo amor comum, contra suas famílias e grupos de origem. Essas histórias são emblemáticas para muitos jovens. E são testemunhos, para nós, que não raro essa é a única forma em que regras de convivência podem ter algum campo fértil.

É claro que o argumento de Arendt não era bem esse – ao menos não o mais explícito. Sua idéia era a de que os embates quantos aos problemas de conflito social e racial tinham de ser, antes de tudo, questões dos adultos para os adultos. O campo de vida infantil não seria o melhor local para a solução do problema do racismo. Mas, também valia para ela o argumento de que a regra contra a união sexual matrimonial entre negros e brancos era a "mais odiosa". Não se tratava, portanto, de estratégia, como parece ser o caso do pragmatismo atual. Arendt escreveu como quem tinha convicções que desciam para estratos mais profundos da sua consciência. De fato, ela tinha vindo de uma sociedade onde o racismo havia vencido, onde o nazismo tinha sido instaurado, em grande parte, por conta da existência de pilares que se baseavam no ódio que uns poderiam sentir do corpo do outro, e não somente dos pensamentos e costumes do outro. Todavia, Arendt logo percebeu que o

destino havia sido irônico com ela. Uma vez na América, na terra de liberdade, ela estava diante de práticas segregacionistas que iam contra a Constituição Americana, e que lembravam bem a Alemanha nazista.

É certo que depois, a partir da década de 60, principalmente com Kennedy e com o Movimento dos Direitos Civis, as coisas começaram a mudar rapidamente. O ideal da Guerra Civil, bom tempo depois, começou a vingar efetivamente. Todavia, o episódio da polêmica Arendt-Hook ficou na história intelectual americana como um momento significativo. Particularmente, no campo dos escritos de Arendt, foi um momento decisivo para ela ver o quanto seria ou não possível dar regras para uma "raça de demônios", como Kant queria que fosse a tarefa da filosofia política.

A preocupação de Arendt em fazer filosofia política olhando para as relações privadas, também ganhou a mente de outro intelectual alemão – Max Horkheimer. Nos anos trinta, portanto uns vinte anos antes de Arendt, Horkheimer desenvolveu a tese de que a luta dos jovens para conseguirem a união por meio do amor, contra as imposições familiares que viam tal união mais como um negócio adrede preparado, era uma atitude inconformista capaz de gerar bons reflexos sociais. Uma geração inteira, antes do período liberal, teria passado por tal situação e, assim, se viram produzindo sonhos particulares de felicidade pessoal, de vida com dias melhores, dias de amor, e fizeram revoluções pessoais contra seus clãs, família, pais, etc. em favor do amor. Para Horkheimer, só as gerações que passaram por isso puderam ser tornar socialmente capazes de pensar em utopias políticas e sociais. As gerações posteriores, que puderam desposar qualquer um sem qualquer sacrifício, teriam se tornado passivas e pouco sonhadoras.

Não é o caso de se perguntar aqui o quanto Arendt endossaria uma tese do tipo da de Horkheimer. O que é interessante notar é que, em certa medida, na prática, ela de fato pareceu esperar que os jovens que quisessem o casamento se dispusessem a lutar por ele. O "mais odioso" segregacionismo, o que evitava que pessoas de cor diferente fossem para a cama, parecia realmente ser de fato odioso, para Arendt, porque tornava a "raça de demônios" bem mais sujeita a permanecer no inferno. Quando hoje discutimos outras formas de união amorosa – como o caso do chamado "casamento gay" – vale a pena retomar as reflexões de Hanna Arendt nos anos cinqüenta, e vemos como ainda são atuais as ponderações de seu artigo sobre Little Rock. Vale a pena ponderar tudo isso e ver como que, em parte, a luta que se deu por causa de outras uniões estranhas, criou algo como que uma "jurisprudência" necessária de ser bem analisada hoje em dia.